

Programa de apoio pedagógico e inclusão: um estudo de caso*

Pedagogical support program and inclusion: a case study

LISBETH SOARES Fundação das Artes de São Caetano do Sul ▶ lisbethsoares@gmail.com

resumo

A proposta deste artigo é apresentar o relato de um caso de inclusão de aluno com diagnóstico de autismo em escola de música do estado de São Paulo. Tal escola desenvolve desde 2006 o Programa de Apoio Pedagógico e Inclusão (Papi) que tem por objetivo oferecer suporte a alunos e professores para que a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais ocorra de forma significativa e efetiva. O trabalho é baseado nos pressupostos da educação inclusiva e da educação musical, e está organizado em diferentes ações com os professores e com os alunos e suas famílias. Os resultados obtidos até o momento têm sido muito satisfatórios e apontam para avanços no processo de aprendizagem musical do referido aluno, trazendo contribuições para a discussão sobre a inclusão nesse contexto.

PALAVRAS-CHAVE: educação musical especial, educação inclusiva, apoio pedagógico

abstract

This article aims at presenting a case study of inclusion a young diagnosed as autistic – in a school of music in São Paulo. This school has been developing a supporting and inclusion programme (Papi in Portuguese) which aims at offering a support to students and teachers so that the inclusion process occurs in an effective way. The work is based on the assumptions of Inclusive Education and Musical Education and is organized into different actions with the teachers, students and their families. The results obtained so far have been very satisfactory and indicate progress in the musical learning of that student, making contributions to the discussion on the inclusion in this context

KEYWORDS: special musical education, inclusive education, pedagogical support

* Colaboraram com a autora as professoras Viviane Louro, Cássia Paula Bernardino e os monitores Karina Sartorello e Fernando Antônio Guimarães.

A Fundação das Artes de São Caetano do Sul,¹ no estado de São Paulo, é uma escola com longa tradição no ensino de música e oferece cursos livres e profissionalizantes em música e teatro, além de cursos em dança e artes visuais. Com cerca de 4000 alunos, vem oferecendo formação artística em vários níveis, para crianças a partir de 5 anos de idade e também para jovens e adultos.

Desde 2007, a instituição conta com o Programa de Apoio Pedagógico e Inclusão (Papi), coordenado pelas professoras Cássia Bernardino, Lisbeth Soares e Viviane Louro. Tal iniciativa se deu devido ao aumento significativo de alunos com deficiências e dificuldades de aprendizagem nos últimos anos, sendo necessário, portanto, organizar o atendimento e desenvolver atividades específicas para que o aprendizado musical ocorresse de forma efetiva, tendo como parâmetros os pressupostos da educação inclusiva.

Para que um aluno seja beneficiado pelo programa, foram estabelecidos alguns procedimentos:

- Indicação dos professores (alunos com dificuldades no acompanhamento das aulas, por exemplo).
- Verificação do aproveitamento do aluno nas diferentes disciplinas e práticas.
- Levantamento de informações com a família a respeito de diagnóstico ou suspeita de necessidades especiais, bem como do histórico familiar, escolar e clínico.
- Conversa e, quando necessário, testes musicais com os alunos, para levantamentos de expectativas e necessidades em relação ao curso.

No início, ficou claro para as professoras-coordenadoras que as ações não poderiam ter como foco apenas os alunos, entendendo que todo o contexto educacional, bem como as interações entre professores/alunos, alunos/alunos, pais/alunos e pais/professores deveriam ser consideradas, além do histórico pessoal, pois cada ser é único e diferente. Assim, as ações começaram a ser realizadas considerando os alunos, suas famílias e os professores nas suas práticas pedagógicas. De acordo com a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva:

A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à idéia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (Brasil, 2008, p. 5).

Considerando tais prerrogativas e entendendo que todos devem ser atendidos de acordo com suas possibilidades e necessidades, sem que sejam feitas discriminações de qualquer ordem, o Programa de Apoio Pedagógico e Inclusão tem desenvolvido diferentes ações com os alunos:

- Aulas de apoio.
- Acompanhamento de monitores.
- Flexibilização curricular.
- Reuniões com professores e monitores.

1. Para conhecer melhor o programa da escola, ver: <http://www.fascs.com.br>.

- Observações das atividades desenvolvidas.
- Encontros formativos.
- Parcerias com outros profissionais que atendem os alunos.
- Reuniões com famílias.

No ano de 2011, o programa atendeu 13 alunos, com diferentes características, necessidades e diagnósticos, tais como: autismo, síndrome de Down, deficiência intelectual, hidrocefalia, hiperatividade e déficit de atenção, disfunção do processamento auditivo. Em relação ao número total de alunos matriculados na escola, a porcentagem equivalente a esses casos parece ser insignificante, mas gera demandas diferenciadas e traz novas questões para o corpo docente, a respeito do ensino de música para todos.

Tais questões emergem das ações desenvolvidas nesse programa, considerando os pressupostos da educação inclusiva e da educação musical, bem como os objetivos da própria instituição na formação de músicos profissionais. Entre elas destacamos:

- Em que medida é possível repensar as práticas pedagógicas não apenas para os alunos com necessidades especiais, mas para favorecer o aprendizado de todos os alunos?
- Como aprender com as ações já realizadas, contribuindo para a construção do conhecimento e para a continuidade no trabalho?

Todas essas indagações fazem parte de uma questão maior, mais ampla, que está relacionada às condições de acesso e permanência de alunos com necessidades especiais nas escolas de música: quando, de fato, o ensino de música será para todos? Ao valorizar o processo educacional como espaço de apropriação da cultura, Padilha (2006, p. 48) ressalta que

[...] é preciso e é possível um olhar radicalmente voltado para ver o deficiente como alguém que vai se apropriando da cultura e não apenas somando hábitos. Que é preciso e é possível valorizar e priorizar atividades e práticas educativas que mobilizem o simbólico; que os limites de cada um são desconhecidos e um dos maiores limites é o nosso – o que desconhecemos do outro, nosso aluno, nosso educando.

Mediante esta apresentação inicial, a proposta deste artigo é relatar um estudo de caso a partir das ações do programa realizadas com um dos alunos acompanhados, aqui identificado como Breno,² fazendo considerações sobre todo o trabalho e apresentando seus resultados, com a intenção de colaborar com a discussão sobre a educação inclusiva na educação musical.

O presente estudo foi realizado no período letivo de 2011, sendo desenvolvido por dois monitores e uma professora, integrantes da equipe que atua no Papi. Os dados foram coletados a partir de observações em sala de aula, de relatórios de monitores e professores e de avaliações realizadas diretamente com o aluno em questão.

Caracterização do aluno

Breno é um rapaz com 18 anos, muito interessado por música. Pouco fala, mas vem ampliando seu vocabulário e demonstrando seus interesses por meio de manifestações

**dados
iniciais**

2. Nome fictício.

corporais, tais como sorrisos, pulos, e outros movimentos. Tem diagnóstico de autismo³ e um longo percurso trilhado entre escolas e terapias. Seu interesse por música começou desde cedo e seus pais o levaram para uma escola próxima à sua residência, na qual teve contato com teclado e com alguns fundamentos da teoria musical.

Entrou no curso de Musicalização da Fundação das Artes aos 11 anos. Na ocasião, seus pais procuraram a escola destacando o interesse e os saberes do filho em relação à música, tendo o objetivo de ampliar a sua comunicação e interação social. Como Breno vinha de um aprendizado anterior, já tinha algumas noções básicas da linguagem musical, o que foi aprofundado no decorrer das atividades proporcionadas.

Nesse curso, um dos grandes desafios foi proporcionar atividades nas quais Breno pudesse mostrar seus conhecimentos, mas também avançar nos aspectos cognitivos, musicais e sociais. Na época, ele participou das aulas teóricas em grupo e das atividades práticas da Orquestra Infante-Juvenil, acompanhando todo o processo de estudo e mostrando satisfação e interesse. Foram necessárias algumas adaptações de estratégias e recursos, visando sua integração com o grupo e seu desenvolvimento musical. Além disso, a família sempre se mostrou parceira, trazendo elementos que pudessem colaborar com o trabalho. Na ocasião, foram feitos contatos com a psicóloga que o atendia, no intuito de ter maiores dados sobre suas questões e possibilidades.

No ano de 2011, este aluno foi matriculado no Nível 2 do curso de Formação Musical⁴ e, por decisão conjunta de professoras-coordenadoras do Papi e coordenação da Escola de Música, cursou as disciplinas de Rítmica, Percepção e Coral, sendo dispensado da disciplina de Estruturação. A turma da qual fez parte é formada por adolescentes e adultos, com conhecimento musical variado, ou seja, há alunos que já tiveram estudos anteriores em outras escolas e alunos que iniciaram seus estudos na própria Fundação das Artes.

Ações desenvolvidas

Após a Musicalização, Breno, já adolescente, passou a frequentar as aulas do Curso Básico, com apoio de monitor. Atualmente cursando o Nível 2 do Curso de Formação Musical, Breno vem sendo acompanhado por monitores nas diferentes disciplinas oferecidas. Esse trabalho é orientado pelas professoras-coordenadoras, por meio de reuniões e troca de informações.

A seguir serão apresentadas as ações realizadas com Breno nesse processo.

Monitoria

No Papi, a intenção da monitoria é favorecer tanto o aprendizado do aluno com dificuldades quanto a prática pedagógica do professor. Para essa função são selecionados alunos dos níveis finais do curso de Música (tanto do curso de Formação Musical quanto do Profissionalizante),

3. O autismo está dentro dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (CID-10 – F 84.0 ou F 84.1) e se caracteriza por três pilares básicos: atraso de linguagem; dificuldade na comunicação e na interação social e estereotípias (movimentos ou falas repetitivas). Não há uma causa reconhecida na comunidade científica para tal, mas, até o momento, o que se sabe é que é de causa genética e não tem cura; contudo, há possibilidade de avanços de acordo com a estimulação e trabalho intensivo de terapias específicas (Schwartzman, 2010).

4. Formação Musical: curso estruturado em seis etapas semestrais, nas quais o aluno tem as disciplinas teóricas (Rítmica, Percepção, Estruturação, Coral, Harmonia e Apreciação), além de matérias de prática em conjunto e aulas de instrumentos.

para acompanhar os alunos indicados nas aulas regulares. Os alunos monitores recebem uma bolsa integral da escola em troca do trabalho oferecido. Além do acompanhamento nas aulas, esses monitores também colaboram com a confecção de materiais pedagógicos, de acordo com as necessidades de professores e alunos.

Considerando o trabalho dos monitores, várias ações foram necessárias, não só para oportunizar avanços no conhecimento musical, mas também para favorecer o entrosamento de Breno com os professores, com os colegas de classe e para desenvolver a sua autonomia. Consoante com Zillmer (2008, p. 55), entendemos ser importante refletir constantemente sobre a prática pedagógica criando novas possibilidades para “fazer um deslocamento daquilo que esse aluno trazia em seu sintoma, nas suas estereotipias, nas suas repetições de fala, para, a partir disso, formular o projeto pedagógico desse aluno”.

No início, os monitores relatavam grande necessidade de intervenção para que Breno de fato participasse das aulas, pois entrava na sala de aula e não pegava seu material espontaneamente, sendo necessário pedir que o fizesse. Nesse sentido, as orientações para os monitores foram de realizar perguntas ao invés de direcionar a ação, ou seja, questionar, por exemplo: “O que é para fazer agora?”, chamando sua atenção para as orientações dos professores e para o movimento do grupo. Assim, buscamos colocar Breno como agente de seu aprendizado, tirando-o de uma condição de passividade.

Com o passar do tempo, e por estímulos de interação como cumprimentar-lhe ao chegar, perguntar sobre seu bem-estar, perguntar seu nome completo ou dos familiares, comentar fatos do cotidiano da sala de aula, Breno começou a emitir respostas orais, ainda bem objetivas, mas que mostram a importância desse tipo de incentivo.

Nas aulas de Coral, o monitor buscou, ao mesmo tempo, valorizar as manifestações de Breno, entendendo suas risadas ou movimentos como expressões de alegria pela atividade, mas também o orientando para evitar tais expressões sem necessidade ou motivo aparente, buscando minimizar as estereotipias e evitar prejuízos para a prática coral. Assim, ao ver Breno rindo, o monitor lhe dizia frases como: “Você está sorrindo por que gostou da música?” ou “Esta música é interessante, não é?”, ou seja, o monitor buscou dar sentido para tais manifestações. Nas aulas de apoio, que serão descritas a seguir, esse tipo de intervenção também foi feita. Em determinada ocasião, a professora propôs um exercício de estruturação, mas Breno não mostrou interesse, pois ouvia alunos tocando bateria na sala ao lado. Este interesse não foi manifestado verbalmente, mas sim pelos sorrisos e balanceios do corpo, sendo que a professora observou e interveio: “Você quer ver o pessoal tocando?” Com a confirmação também com um sorriso, ambos foram apreciar o som da bateria. Segundo Zillmer (2008), o trabalho educacional com pessoas com autismo deve valorizar seus interesses, partindo destes para desenvolver seu conhecimento.

No que diz respeito ao aprendizado musical, a presença do monitor nas aulas de Coral também colaborou para que Breno entendesse a estrutura da partitura para tal grupo, identificando os sistemas e a linha melódica de sua voz.

Outras características de Breno são a dificuldade de copiar e ler as anotações da lousa por iniciativa própria. Para isso, o monitor o incentivava a escrever, em todas as aulas, um cabeçalho no caderno, com data, em qual aula ele estava no momento e nome do professor, para que se situasse e entendesse o porquê da participação naquela atividade. Muitas vezes, Breno compreende o que é pedido de forma literal, ou seja, ao invés de escrever a data (dia/mês/ano), escreve a palavra “data”. Esse tipo de resposta é muito comum em autistas, pois eles possuem dificuldade na questão da generalização dos conceitos e no processo simbólico (Louro, 2009).

Por esse motivo, ações como estas que o monitor se propunha são importantes, pois com o tempo é possível alcançar a abstração esperada.

Nas demais disciplinas, os monitores colaboraram também com a realização das diferentes atividades, tais como em ditados rítmicos ou melódicos, na leitura de partituras e nas atividades em grupo, sempre atentos às orientações dos professores. O interesse e a satisfação de Breno sempre são identificados, assim como suas conquistas em termos de aprendizado.

Flexibilização curricular

Segundo Brasil (1998, p. 41),

as adaptações curriculares no nível do projeto pedagógico devem focalizar, principalmente, a organização escolar e os serviços de apoio. Elas devem propiciar condições estruturais para que possam ocorrer no nível da sala de aula e no nível individual, caso seja necessária uma programação específica para o aluno.

No caso de Breno, o currículo é adaptado para suas necessidades, o que foi discutido entre professoras-coordenadoras do Papi, coordenadores da Escola de Música e alguns professores do curso de Formação Musical. Quando ele passou a cursar o Nível 1, frequentou todas as disciplinas regularmente, mas após o primeiro semestre o corpo docente identificou dificuldades no acompanhamento das aulas de Estruturação, devido à característica mais conceitual e abstrata da matéria e por ela ser desenvolvida com muitas aulas expositivas. Sendo assim, foi definido que ele iria refazer o Nível 1, dessa vez com dispensa de tal disciplina. Dessa forma, Breno fez aulas individuais de Estruturação uma vez por semana, ministradas por uma das professoras-coordenadoras, em horário diferenciado das aulas em conjunto e com conteúdo voltado para suas possibilidades cognitivas atuais.

Para 2012 o corpo docente definiu que Breno terá aulas individuais de Rítmica e Estruturação, considerando seu ritmo de aprendizagem e suas necessidades. Acompanhará o grupo nas aulas de Apreciação e Percepção, com presença de monitor e com adaptações de materiais e atividades. Essa proposta terá como pressuposto também a discussão a respeito das práticas pedagógicas, entendendo que há necessidade de reflexão sobre as concepções que norteiam esse trabalho.

Aulas de apoio

Tais aulas acontecem semanalmente, em horário diferenciado das atividades regulares. São propostas atividades práticas e teóricas envolvendo: atividades psicomotoras musicais; exercícios de memória; jogos de abstração, percepção e coordenação motora; exercícios relativos aos conteúdos desenvolvidos nas aulas coletivas. Muitas das atividades estão baseadas nos princípios da psicomotricidade, pois segundo Louro e Andrade (2009), as relações entre psicomotricidade e aprendizagem musical são muitas, já que é necessário desenvolver alguns aspectos como esquema corporal, equilíbrio, lateralização e lateralidade, noção espacial, noção temporal e tônus para aprender.

No caso específico de Breno, tais aulas também têm o objetivo de apresentar o conteúdo da disciplina de Estruturação por meio de estratégias e materiais diferenciados, buscando desenvolver conceitos específicos e proporcionar condições para os avanços cognitivos. Nesse sentido, as aulas buscam respeitar os saberes de Breno bem como seu ritmo de aprendizagem, oferecendo diferentes alternativas para atingir o mesmo propósito, conforme aponta Soares (2006, f. 11) ao apresentar alguns cuidados que o professor de música deve ter com alunos com necessidades especiais:

- utilizar materiais diversificados, permitindo o aprendizado através dos diferentes sentidos, o que poderá contribuir para que o aluno estabeleça conexões a partir do que está sendo desenvolvido;
- valorizar respostas diferenciadas para uma mesma pergunta aceitando, por exemplo, respostas não verbais ou simplesmente “sim” ou “não”;
- apresentar o mesmo conceito de diversas formas, permitindo que cada aluno tenha a oportunidade de compreendê-lo e assimilá-lo.

Como exemplo, apresentaremos o processo realizado a respeito do conteúdo “Escalas Maiores”. O trabalho teve início com a identificação de tons e semitons, com a utilização de piano, da lousa e de fichas com as letras T (representando tom) e ST (representando semitom). A utilização das fichas fez-se necessária nesse caso para que tivéssemos como avaliar o aprendizado de Breno, pois ao ouvir duas notas, ele as nomeava adequadamente e sabia registrar sua altura, mas não sabia responder se havia ouvido um tom ou um semitom. Assim, a professora solicitou que Breno ouvisse as notas e apontasse a ficha correspondente, o que favoreceu sua resposta e permitiu identificar seus avanços. Feito isto, a professora passou a realizar ditados de tom e semitom apresentando os intervalos escritos em uma folha e pedindo para que Breno os classificasse, escrevendo as respectivas letras (T e ST), sendo possível notar que Breno conseguiu abstrair tal conceito.

Paralelamente, a professora foi apresentando os acidentes, indicando as alterações advindas do seu uso. Para um aluno como Breno, indicar que “o som subiu” (devido ao uso do sustenido, por exemplo) ou que “o som desceu” (devido ao uso do bemol) pode gerar dúvidas, pois sua compreensão pode ser literal, sendo necessário apresentar diferentes alternativas para a aquisição de tal conceito. Assim, após verificar que ele identificava e nomeava os acidentes, a professora realizou alguns exercícios auditivos fazendo uso de uma escada feita com caixas. Nessa escada, cada degrau correspondia a um acidente e um objeto foi colocado em determinado degrau. A professora tocava determinado intervalo e perguntava ao aluno o que havia acontecido, pedindo-lhe que colocasse o objeto no degrau correspondente. Dessa forma, Breno conseguiu responder satisfatoriamente e mostrou compreensão do conteúdo, o que foi confirmado na realização de outros exercícios.

Após esses procedimentos iniciais, os quais demandaram algumas aulas, Breno foi convidado a escrever algumas escalas maiores na lousa. Nessa ocasião, a professora o orientou, retomando o aprendizado de tom e semitom e do uso dos acidentes. Breno conseguiu identificar os semitons, pois se baseou na estrutura das escalas maiores, porém teve dificuldades em utilizar os acidentes da forma correta, o que fez com que a professora buscasse outros recursos, como a utilização do piano. Nesse instrumento, Breno tocou as escalas perfeitamente, o que mostrou que ele estava entendendo o assunto, havendo necessidade apenas de intervir para que o registro na pauta fosse feito a contento.

A partir desta breve descrição podemos inferir que tais ações são necessárias e são positivas não só para Breno, mas para outros alunos, na medida em que proporcionam diferentes maneiras de apreensão de um mesmo conteúdo.

Adaptações de avaliações e materiais

Adaptar é outro recurso comum no Papi e, para o aluno em questão, fundamental. Como o currículo é flexível e observamos algumas questões diferenciadas em relação à abstração, o material, atividades e a avaliação foram adaptados. Segundo Faleiros e Pardo (2003, p. 90),

as adaptações curriculares no nível do projeto pedagógico devem focalizar, principalmente, a organização escolar e os serviços de apoio. Elas devem propiciar condições estruturais para que possam ocorrer no nível da sala de aula e no nível individual, caso seja necessária uma programação específica para o aluno.

Seguem alguns exemplos:

- Em um exercício de apreciação, no qual o professor esperava que os alunos identificassem e escrevessem os nomes dos instrumentos utilizados, Breno tinha como recurso algumas imagens de instrumentos, tendo que assinalar a figura daquele que considerava correto.
- Na realização de um ditado rítmico-melódico, cujo objetivo maior era a percepção das alturas, o ritmo foi previamente apresentado para Breno, na intenção de eliminar algumas das variáveis que poderiam dificultar a sua resposta. Outra opção foi a de apresentar diferentes melodias como alternativas, para que Breno assinalasse a resposta certa.
- Nos ditados rítmicos, o grupo de professores optou por não apresentar, nesse momento, atividades com diferentes fórmulas de compasso, solicitando que Breno os fizesse apenas utilizando a semínima com unidade de tempo.
- Para o Coral, as adaptações foram feitas na partitura: além da partitura convencional, o aluno utiliza uma partitura com figuras, para que possa compreender melhor o conteúdo da letra, a organização da música, e consiga memorizar a letra.

Além disso, são utilizados materiais concretos para auxiliá-lo nas aulas em conjunto e de apoio, conforme já relatado. Esses materiais são elaborados e confeccionados pelas professoras-coordenadoras e pelos monitores. Alguns exemplos: fichas com figuras rítmicas para ajudá-lo a se organizar mentalmente na aula de Rítmica; desenho do teclado do piano para que ele compreenda tom e semitom; imagens relativas aos assuntos da aula, etc.

Todas essas adaptações estão fundamentadas na importância da acessibilidade, pois a forma como usualmente as atividades são apresentadas não favorecem as respostas de Breno. Além disso, também são considerados os objetivos das mesmas, para que todos tenham clareza do que é possível adaptar.

Ações com professores

Na intenção de também colaborar com a reflexão sobre as práticas docentes, as ações do Papi voltam-se para os professores da Escola de Música, buscando levantar dados sobre os alunos acompanhados e sobre as necessidades e expectativas desses profissionais, sempre considerando os objetivos traçados para a disciplina como um todo. Aos poucos, o trabalho vem caracterizando-se como um trabalho de ensino colaborativo, o qual, segundo Mendes (2006, p. 30), busca valorizar os saberes de cada parceiro, visando um engajamento em um “processo conjunto de tomada de decisão, trabalhando em direção a um objetivo comum”. Portanto, reuniões formativas com os professores e monitores para que sejam discutidas questões relacionadas ao autismo e ao aluno em questão são oferecidas pelo menos uma vez no semestre.

Nesse sentido, concordamos com Mateiro (2003, p. 35), quando afirma que

o saber ensinar é confrontado com a superficialidade intelectual, uma vez que o professor é considerado um técnico capaz de aplicar os conhecimentos adquiridos, mas com um conhecimento educacional insuficiente para enfrentar as situações reais de aprendizagem que se apresentam no dia-a-dia da sala de aula.

Assim, busca-se partilhar saberes por meio de observações em sala de aula, trocas a respeito das condutas e atividades propostas e da avaliação, além de trocas de informações sobre histórico familiar e clínico. No caso de Breno, as ações estão voltadas para a apropriação do conhecimento e também para a socialização, sendo consideradas importantes estratégias de formação continuada ou permanente, necessárias para a implantação da educação inclusiva.

Ações com as famílias

Entendemos que a parceria entre escola e família é essencial e, portanto, buscamos manter contato constante com a família de Breno e dos outros alunos atendidos pelo Papi, sempre com o intuito de discutir sobre as ações realizadas e de trocar informações, tendo o objetivo maior de obter conquistas no que diz respeito ao aprendizado musical. São realizadas reuniões regulares, em pequenos grupos ou coletivas, para apresentar os resultados obtidos e para discutir sobre as próximas ações.

A família de Breno mostra-se muito presente, apostando no seu filho, identificando seus interesses e valorizando o trabalho desenvolvido na escola.

Os resultados obtidos até o momento têm sido muito satisfatórios, pois é possível observar avanços no processo de aprendizagem dos alunos atendidos pelo Programa de Apoio Pedagógico e Inclusão. Para Soares (2009), todos podem beneficiar-se do ensino de música e não há motivos para restringir o contato com tal linguagem apenas com fins terapêuticos, como muitas pessoas supõem que seja o indicado para aqueles com necessidades especiais. Segundo Fonterrada (2007), o ensino de música deve considerar a importância de tal área para o ser humano, colaborando no seu processo de construção de identidade.

No que se refere ao conteúdo musical, Breno está avançando em seu processo simbólico e conseguindo absorver conceitos abstratos de teoria musical; está melhorando sua afinação através das aulas de Coral e conseguindo acompanhar mais rapidamente as aulas de Rítmica e Percepção. Os ganhos sociais também são evidentes. O aluno já se localiza sozinho pela escola, o que antes não fazia; tem mais responsabilidade com seu material, começou a interagir com o grupo, cumprimentando os amigos de turma e tendo mais iniciativa em suas ações do dia a dia, o que foi observado tanto na escola quanto por seus pais.

Retomando a questão “em que medida é possível repensar as práticas pedagógicas não apenas para os alunos com necessidades especiais, mas para favorecer o aprendizado de todos os alunos?” e refletindo sobre as ações do professor, também é possível notar que há um novo olhar para esses alunos, antes considerados como problemáticos ou fracassados, com poucas condições de avanços. Aos poucos, os professores estão identificando que se trata de uma situação bilateral, sendo importante acrescentar práticas diferenciadas e que possam colaborar com a inclusão. Nesse sentido, Mantoan (2010, p. 3) ressalta que a escola deve estar aberta aos diferentes saberes que os alunos trazem, entendendo que “aprender implica em produzir novos significados” e em novas formas de expressar o mundo, a partir dos conhecimentos culturais, sociais e pessoais.

Obviamente, não foram obtidos só resultados positivos até então. Alguns aspectos requerem maior atenção, tal como a atuação dos monitores, pois todos eles têm conhecimentos musicais específicos, mas não têm os conhecimentos pedagógicos necessários para ensinar música nem têm os conhecimentos básicos da educação especial (Soares, 2006).

resultados e considerações finais

Todos esses resultados, porém, não excluem a necessidade de uma discussão mais profunda sobre as questões relacionadas ao currículo e às práticas pedagógicas, pois a maioria dos professores julga-se não estar preparada para atender tal alunado. É preciso ter clareza de que todos têm responsabilidade frente ao desenvolvimento dos alunos com necessidades especiais, sendo importante criar situações propiciadoras de aprendizagem, em um contexto inclusivo e não segregatório. A revisão de concepções faz-se premente nesse contexto, pois entendemos que o papel da escola é proporcionar condições para que os indivíduos apropriem-se da cultura, conforme aponta Padilha (2006, p. 45): “É função da educação escolher os meios adequados para que a apropriação da cultura aconteça em cada tempo, em cada espaço, em cada ser humano.”

Muitas questões ainda precisam ser discutidas e reavaliadas dentro da área musical para que a inclusão ocorra de forma significativa para todos, mas para isso é necessário um trabalho contínuo, cuidadoso e sempre reflexivo.

referências

- BRASIL, Secretaria do Ensino Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: adaptações curriculares*. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998.
- _____. *Política nacional da educação especial na perspectiva da educação inclusiva*. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 2008.
- FALEIROS, M. H. S.; PARDO, M. B. L. A inclusão de alunos com deficiência mental na perspectiva de suas professoras de produções acadêmicas. In: MARQUEZINE, M. C.;
- ALMEIDA, M. A.; TANAKA, E. D. O. (Org.). *Capacitação de professores e profissionais para educação especial e suas concepções sobre inclusão*. Londrina: Eduel, 2003. (Coleção Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial, XVIII).
- FONTEERRADA, M. T. O. Diálogo interáreas: o papel da educação musical na atualidade. *Revista da Abem*, Porto Alegre, n. 18, p. 27-34, out. 2007.
- LOURO, V. S. (Org.). *Arte e responsabilidade social: inclusão pelo teatro e pela música*. Santo André: TDT Artes, 2009.
- LOURO, V. S.; ANDRADE, A. Música e inclusão: uma reflexão a partir da psicomotricidade e plasticidade cerebral. In: DALL'ACQUA, M. J. C.; ZANIOLO, L. O. (Org.). *Educação inclusiva em perspectiva: reflexões para a formação de professores*. Curitiba: CRV, 2009. p. 119-129.
- MANTOAN, M. T. E. O direito de ser, sendo diferente, na escola: por uma escola das diferenças. Curso de formação Continuada de Professores para o AEE. UFC/SEESP/UAB/MEC. Versão 2010. Mimeografado.
- MATEIRO, T. A. N. O comprometimento reflexivo na formação docente. *Revista da Abem*, Porto Alegre, n. 8, p. 33-38, mar. 2003.
- MENDES, E. G. Colaboração entre ensino regular e especial: o caminho do desenvolvimento pessoal para a inclusão escolar. In: MANZINI, E. J. (Org.). *Inclusão e acessibilidade*. Marília: ABPE, 2006. p. 29-41.
- PADILHA, A. M. L. Práticas pedagógicas e a inserção sócio-cultural do deficiente: a complexidade da proposta. In: MANZINI, E. J. (Org.). *Inclusão e acessibilidade*. Marília: ABPE, 2006. p. 43-50.
- SCHWARTZMAN, J. S. Autismo e outros transtornos do espectro autista. *Revista Autismo*, 2010. Disponível em: <<http://www.revistaautismo.com.br/edic-o-0/autismo-e-outros-transtornos-do-espectro-autista>>. Acesso em: 14 nov. 2010.
- SOARES, L. *Formação e prática docente musical no processo de educação inclusiva de pessoas com necessidades educacionais especiais*. Dissertação (Mestrado em Educação Especial)–Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.
- _____. O professor de música e a educação inclusiva. In: DALL'ACQUA, M. J. C.; ZANIOLO, L. O. (Org.). *Educação inclusiva em perspectiva: reflexões para a formação de professores*. Curitiba: CRV, 2009. p. 103-117.
- ZILLMER, P. Reflexões sobre a prática: escola ou clínica? In: FOLBERG, M. N.; CHARCZUK, M. S. B. (Org.). *Crianças psicóticas e autistas: a construção de uma escola*. Porto Alegre: Mediação, 2008. p. 49-60.

Recebido em
15/12/2011

Aprovado em
31/01/2012